**DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO MONÁSTICO**

*Pe. William Skudlarek*

*Abadia de San Juan, Collegeville, Minesota, EEUU.*

Inicialmente, gostaria de dizer que sou muito grato por esta oportunidade de poder falar-lhes sobre o Diálogo Inter-religioso Monástico. Em novembro próximo iniciarei meu terceiro mandato como Secretário Geral desta organização. Uma de minhas mais importantes e mais agradáveis responsabilidades é informar à Família Beneditina (isto é, os monges e as monjas que seguem a Regra de São Bento) sobre a existência e a missão do Diálogo Inter-Religioso Monástico. Quero mostrar a relevância deste tipo de diálogo para a Igreja universal e para a nossa própria vida monástica. Desejo também convidar as comunidades monásticas a se envolverem no Diálogo Inter-Religioso da maneira que mais lhes convém.

**DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: A DOUTRINA DO VATICANO II**

Gostaria de começar esta apresentação resumindo a doutrina contemporânea da Igreja católica sobre o Dialogo Inter-religioso, que é a pedra angular e a razão de ser do Diálogo Inter-Religioso Monástico.

Quando falamos sobre o Diálogo Inter-religioso na Igreja Católica de hoje, é impossível não salientar a importância do Segundo Concílio Vaticano. O documento-chave do Concílio para o Diálogo Inter-religioso é a sua Declaração *Nostra Aetate: Sobre as relações da Igreja com as Religiões não Cristãs*. Neste documento os padres conciliares sublinharam as implicações do que eles já tinham dito na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a saber, que a Igreja se sente real e intimamente ligada ao gênero humano e a sua história. Portanto, a Igreja não pode deixar de relacionar-se, de dialogar com pessoas de diferentes religiões porque, de fato, a maioria da população mundial não é, e nunca foi cristã.

*“Nostra Aetate”* é um documento notável. É a primeira vez que uma declaração oficial da Igreja Católica diz algo positivo sobre outras religiões. No passado, quando a Igreja falava de outras religiões ou mesmo dos cristãos que não eram católicos romanos, as palavras mais usadas eram “contra” ou “anátema”. A palavra que o Vaticano II usa para delinear a nova maneira de relacionar-se com adeptos de outras religiões é “diálogo”, uma palavra que significa um encontro com o outro, principalmente em termos do que temos em comum. Segundo os Padres conciliares, é preciso entrar em diálogo com os outros, a fim de nos tornarmos conscientes da unidade que já é nossa, mas que nem sempre reconhecemos.

Em seguida, após oferecer uma sinopse do Hinduísmo e Budismo, “*Nostra Aetate”* continua com estas palavras:

A Igreja Católica **nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo**. Olha com **sincero respeito** esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem, não raramente, **um raio da verdade** que ilumina todos os [seres humanos].

Após isso, o documento apresenta, em termos que eu acho absolutamente impressionantes, o que a Igreja Católica deve fazer com o seu conhecimento de outras religiões, adquirido a partir do diálogo:

 [A igreja Católica] Exorta ... seus filhos [e filhas] a que ...**reconheçam, conservem e promovam** os bens espirituais e morais e os valores socioculturais que entre eles se encontram. [[1]](#footnote-2)

Esses três verbos “reconhecer, conservar, promover” são, creio eu, revolucionários. Eles viram pelo avesso a maneira em que a Igreja se relacionava com outras religiões nas épocas anteriores. No lugar de condenar, ou mesmo de corrigir as outras religiões, a Igreja hoje nos chama para entrar em diálogo com elas, um diálogo que não nos leve apenas a respeitá-las, mas a preservar e promover, não somente os valores socioculturais que nelas podem ser encontrados, mas também os valores morais e espirituais das mesmas. Temos aqui uma verdadeira ruptura com a forma anterior de pensar e agir que a Igreja adotava.

**DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO MONÁSTICO**

Mas agora temos que perguntar: “Quê quer dizer tudo isso para a família monástica da Igreja Católica?”

São Bento consagra grande parte da sua Regra à oração comunitária, e por isso não é nada surpreendente que monges e monjas tenham um interesse especial pela liturgia. A ênfase da Regra sobre a leitura e o trabalho manual, e o capítulo dedicado aos artífices do mosteiro, sem dúvida, teve muito a ver com o fato de que monges e monjas se envolvessem com a Educação, Agricultura, e as Artes. A tradição dos monges dedicando-se ao trabalho missionário e à pastoral remonta a São Gregório, o Papa beneditino que enviou monges para a Inglaterra por volta do ano 600. Mas, e o diálogo inter-religioso? Além do fato de São Bento nada falar sobre a relação de monges com pessoas de outras religiões, São Gregório nos diz que, quando Bento chegou a Monte Cassino, um de seus primeiros atos foi derrubar o templo de Apolo e construir uma capela dedicada a São Martinho (Diálogos, II, 8). Mesmo que São Gregório conte essa historia em seus “Diálogos,” fica evidente que a ação de São Bento nada tem a ver com diálogo.

Por outro lado, no capitulo sobre a recepção de irmãos, São Bento diz que um dos sinais de uma vocação monástica é que o noviço “procure verdadeiramente a Deus” (58,7). No prólogo, de sua Regra, ele escreve: “... com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus” (Prol, 49). Então, talvez, possamos dizer que monges e monjas queiram envolver-se no diálogo inter-religioso, porque querem expandir esta procura de Deus, familiarizando-se com os valores espirituais, os ensinamentos e as práticas de outras religiões. Eles acreditam que “o Espírito do Senhor encheu o mundo” (Sabedoria 1,7) e que a dilatação de seus corações para a obra do Espírito, em outras tradições religiosas, irá atraí-los para mais perto do Deus que estão buscando e que os busca.

Além disso, no capitulo da Regra, sobre a recepção de hóspedes, São Bento diz que “todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo”. O texto latino do capítulo começa da mesma maneira: *Omnes supervenientes hospites tamquam Christus suscipiantur*. A palavra “todos” (*omnes*) parece ser muito importante para São Bento em relação aos hóspedes e cria, creio eu, uma vontade de ser hospitaleiro para as pessoas, cuja religião pode ser diferente da nossa.

**DIMMID COMO ORGANIZAÇÃO**

O impulso para a criação de uma específica organização monástica para o diálogo inter-religioso veio de uma carta que o Cardeal Sérgio Pignedoli, segundo presidente do que é agora o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, enviou ao Abade Primaz Rembert Weakland em 1974. Nela, ele pediu que os monges assumissem um papel de liderança no diálogo inter-religioso, porque, como ele disse, “a vida monástica é uma ponte entre as religiões.”

## O pedido do Cardeal Pignedoli em 1978, originou a criação, de subcomissões europeias e norte-americanas para o diálogo inter-religioso, dentro da Aliança Inter-Monástica (A.I.M.), uma organização que já tinha sido estabelecida, e hoje é bem conhecida no mundo monástico. Após quinze anos, em 1994, o Abade Primaz Jerome Theisen e o seu conselho determinaram que o Diálogo Inter-religioso Monástico se tornasse um secretariado geral da Confederação Beneditina, distinto da A.I.M., mas sempre em relação com ela.

## O nome oficial desse secretariado é “Dialogue Interreligieux Monastique/Monastic Interreligious Dialogue.” O uso de francês e inglês reflete o fato de que as duas primeiras comissões foram criadas na Bélgica francófona e nos Estados Unidos. Hoje em dia, é mais comum usar a sigla “DIMMID”: Diálogo Inter-religioso Monástico/Monastic Interreligious Dialogue.

## AS ATIVIDADES DE DIMMID

## O secretariado geral de DIMMID promove o interesse e o envolvimento de monges e monjas no diálogo inter-religioso, através de comissões nacionais, regionais e linguísticas, conferências inter-religiosas, e uma nova revista multilíngue, *Dilatato Corde*, que pode ser encontrada no site DIMMID. (É muito fácil visitar o nosso site; buscando-se DIMMID no Google, é a primeira coisa que aparece). A revista oferece um fórum onde as pessoas podem descrever como seus corações foram dilatados (e por isso o nome da revista, *Dilatato Corde,* que vem do Prólogo da Regra), e como sua fé cristã se aprofundou, através do conhecimento de outras religiões, através do desenvolvimento de amizades inter-religiosas, e até mesmo através da utilização de práticas espirituais de outras tradições religiosas, por exemplo, formas de meditação desenvolvidas dentro do Budismo ou do Hinduísmo, ou a prática muçulmana de *dhikr* (quer dizer, a lembrança de Deus).

## DIMMID se concentra num diálogo com monges e monjas de outras tradições religiosas, cuja vida monástica, deve-se notar, antecede a vida monástica cristã por cerca de mil anos. Para este fim, um programa europeu chamado “Échange Spirituel” (Troca Espiritual) está em andamento desde 1979. Neste programa, monges e monjas budistas do Japão vão experimentar a vida monástica nos mosteiros europeus, e monges e monjas budistas recebem os ocidentais em seus mosteiros, no Japão, para uma experiência da vida monástica do Zen Budismo. Na América do Norte a partir de 2004 há encontros regulares do assim chamado “Monjas no Ocidente” e “Monges no Ocidente”. O objetivo destas reuniões é partilhar os desafios da vida monástica, seja cristã, seja budista ou hindu, na cultura secularizada e materialista da América do Norte. Além disso, mosteiros individuais, especialmente na Península Ibérica, Inglaterra, Bélgica, Holanda, França e Itália, têm contatos com comunidades monásticas budistas e hindus da vizinhança, e também com comunidades muçulmanas. Na Ásia, a relação de monges cristãos com monges budistas ou hindus é mais frequente a nível de trocas informais, ao invés de reuniões organizadas. Na África também a relação de comunidades monásticas com as religiões tribais locais, ou com os muçulmanos, é mais nas relações do dia a dia com vizinhos ou empregados.

Nos últimos anos, DIMMID tem ampliado o sentido de diálogo inter-religioso monástico para incluir o diálogo com outros crentes (e não somente monges), sobre a experiência e a prática religiosa deles. Com base nesse entendimento, nos últimos anos DIMMID entrou formalmente em diálogo com os muçulmanos, cujas práticas religiosas são muito “monásticas”, especialmente a respeito dos tempos estabelecidos para a oração de cada dia. Os dois primeiros diálogos internacionais foram com xiitas iranianos e envolveram beneditinos e cistercienses, homens e mulheres, de nove países. As reuniões tiveram lugar em Roma, em 2011, e em Qom, no Irã, no ano passado.

**DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO MONÁSTICO NA AMÉRICA LATINA**

Eu posso imaginar que muitos de vocês estão pensando: “Tudo isso é muito bom. Mas tem pouco a ver com a realidade Latino Americana. Neste continente o número de seguidores das grandes religiões do mundo (Hinduísmo, Budismo, Islamismo) é infinitamente pequeno, não ultrapassa um por cento. Assim, a possibilidade de iniciar um diálogo inter-religioso é muito limitada. Nós estamos mais preocupados com o número crescente de seitas evangélicas que hoje em dia estão levando muitos católicos a abandonarem a religião de seus antepassados.”

Deixem-me assegurar-lhes que o meu propósito em estar aqui hoje não é dizer que vocês têm que formar comissões nacionais ou até mesmo uma comissão continental para o diálogo inter-religioso monástico. Mas eu diria que, se tal resposta à minha palestra fosse dada, seria ótimo, e eu ficaria absolutamente encantado! Minha intenção é triplice: *primeiro*, assegurar-lhes que o diálogo inter-religioso é um elemento essencial da missão da Igreja, e não apenas um interesse esotérico de algumas pessoas que estão à margem da vida eclesial. Na verdade, o arcebispo Michael Fitzgerald, ex-presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, uma vez sugeriu que respeitar outras religiões, entrar em diálogo com elas, tem-se tornado uma quinta marca da igreja: ela é una, santa, católica, apostólica e *dialógica*. O diálogo não põe fim à evangelização ou à atividade missionária da igreja, mas está ao lado delas.

*Em segundo lugar*, gostaria de destacar que nós, monges e monjas, fomos explicitamente convidados a assumir um papel de liderança no ministério do diálogo da Igreja Católica com pessoas de outras tradições religiosas. Fomos convidados para isso não primariamente como teólogos ou agentes sociais, mas como homens e mulheres que dedicamos nossas vidas na busca de Deus. Em outras palavras, o dialogo inter-religioso é um ministério monástico por excelência.

*Em terceiro lugar*, eu queria assegurar-lhes que nosso envolvimento no diálogo com as tradições espirituais de outras religiões pode realmente ser uma forma de fortalecer e aprofundar nossa compreensão da vida monástica e a nossa dedicação à vocação monástica.

Como já disse, as formas com que os monges e monjas, em outras partes do mundo se relacionam com outras tradições religiosas, são diversas, dependendo da situação religiosa / cultural de cada região. Pode ser que haja mosteiros na América Latina que estejam perto de um templo budista, de uma mesquita muçulmana, ou de uma sinagoga, mas imagino que seriam muito poucos. Porém, acho que há mosteiros em áreas onde as pessoas ainda praticam tradições religiosas indígenas ou africanas. Se já houve tentativas de olhar para o que é bom e verdadeiro nessas tradições, e de “reconhecer, preservar e promover” essas boas qualidades, especialmente, no que respeita ao desenvolvimento de uma vida espiritual mais profunda, então, o diálogo inter-religioso monástico já foi iniciado. O mundo monástico seria enriquecido se pudesse ler relatórios dessas tentativas. A revista *Dilatato Corde* existe justamente para permitir que outros possam aprender, desse tipo de experiência inter-religiosa.

Nos últimos anos houve uma crescente convicção de que ser religioso hoje é ser inter-religioso, aberto para receber a sabedoria que outras religiões podem nos oferecer, ciente de que se conhecermos apenas a nossa própria religião, provavelmente, a sabemos e a vivemos de uma forma limitada. Falando do conhecimento de línguas, o poeta alemão Goethe disse: “Aqueles que conhecem uma, não conhecem nenhuma.” Hoje nós reconhecemos que essa percepção pode ser muito bem aplicada ao conhecimento e à prática da religião.

Pessoalmente, acredito que o mesmo seja verdade para o nosso entendimento e a nossa prática da vida monástica. Ao aprender sobre os ensinamentos e práticas de outras tradições monásticas, poderemos compreender e apreciar a nossa própria tradição monástica, melhor. É justamente esse ponto de vista que o monge americano Thomas Merton exprimiu, pouco antes de sua morte trágica em Tailândia no ano 1968:

Eu falo como um monge ocidental que é preeminentemente preocupado com sua própria vocação e dedicação monástica... Eu venho como peregrino, ansioso para obter, não apenas informação, e não apenas “fatos” sobre outras tradições monásticas, mas para beber, de fontes antigas, da visão e da experiência monástica. Eu procuro não somente aprender mais (quantitativamente) sobre religião e sobre a vida monástica, mas (procuro) tornar-me (qualitativamente) um monge melhor e mais esclarecido... Eu acho que chegamos a um estágio de maturidade religiosa (há muito esperado) em que seja possível para alguém permanecer perfeitamente fiel a um compromisso monástico cristão e ocidental, e ainda aprender em profundidade de, digamos, uma disciplina ou experiência budista ou hindu. Eu acredito que alguns de nós precisamos fazer isso para melhorar a qualidade da nossa própria vida monástica... [[2]](#footnote-3)

1. *Nostra Aetate*, Nos 1 e 2. [↑](#footnote-ref-2)
2. *The Asian Journal of Thomas Merton*, ed. Naomi Burton, Brother Patrick Hart, and James Laughlin (New York: New Directions Books, 1973, 1975), pp. 312f. Traducão minha. [↑](#footnote-ref-3)